

O TRABALHO COOPERATIVO COMO UMA ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA NA TERRA: A EXPERIÊNCIA DA COOPTAR

**JACIR JOÃO CHIES¹; ALESSANDRA REGINA MÜLLER GERMANI²; FLAVIO
SACCO DOS ANJOS³**

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: jacirchies@yahoo.com.br

² Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS – e-mail: alessandragermani@uffs.edu.br

³ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: saccodosanjos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A ocupação realizada na Fazenda Annoni, na região norte do Rio Grande do Sul, em 29 de outubro de 1985, mobilizando 1.500 famílias, é um destaque na história da luta pela terra e pela Reforma Agrária, seja pelo número de famílias envolvidas, seja por ser o mais longo conflito por terra, havendo estabelecido as bases para a consolidação do MST. Desde a ocupação, acampamento, assentamento provisório ao definitivo foram cerca de oito anos, marcados pela espera, organização e luta, circunstâncias estas que viabilizaram o exercício de muitas experiências nesse âmbito (BONAVIGO e BAVARESCO, 2008).

A formação do assentamento representou um novo momento para as famílias, significando a conquista da terra e dando início a uma nova etapa. Tratava-se de resistir e permanecer na terra, a partir da estruturação da produção agrícola, por meio da cooperação (mutirões, associações, cooperativas) e de lançar as bases para o surgimento de uma nova comunidade. Foram desapropriados aproximadamente 9 mil hectares, onde 420 famílias assentadas (SCHWENDLER, 2009; KRZYSCZAK, 2010; DICKEL, 2015; MST, 2017).

Neste sentido, reconhece-se hoje a Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata Ltda. (COOPTAR), como sendo o único grupo de agricultores coletivos que segue atuante no Assentamento da Fazenda Annoni. O fato é que com o passar do tempo, frente às dificuldades enfrentadas em termos de apoio à produção, bem como de organização, os grupos que haviam sido formados se desfizeram. E por conta disso, o objetivo principal deste estudo foi apresentar uma síntese do percurso histórico de formação da COOPTAR, tendo em vista o trabalho cooperativo como alicerce da resistência/permanência na terra conquistada.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica que, de acordo com Gil (2002), compreende as seguintes etapas: a escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema de pesquisa, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização da lógica do assunto e redação do texto. Os dados foram coletados em materiais bibliográficos durante o primeiro semestre de 2019, cuja síntese deu origem a reflexão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PRIMEIROS PASSOS PARA A ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DE COOPERAÇÃO E CRIAÇÃO DA COOPTAR

No período de 1990 até final de 1992, as famílias estiveram envolvidas em ações e mobilizações conjuntas com o MST, e deram início a organização e estruturação da Cooperativa, mesmo não tendo a posse efetiva dos lotes e de não terem a Agrovila, onde se localiza a COOPTAR. Tampouco, nesse período, se tinha as demais estruturas sociais, como a escola, o campo de futebol, o ginásio de esporte, a cancha de bocha, etc. Essa estruturação iniciou a partir de 1993 (BONAMIGO, 2002).

Antes da criação oficial da COOPTAR, as famílias assentadas na Comunidade 16 de Março foram convidadas para participarem de um laboratório para a fundação da cooperativa, cuja iniciativa partiu da Coordenação Regional do MST e expressava a linha adotada pelo movimento, por meio do Sistema Cooperativista dos Assentados – SCA, criado para articular todas as formas de cooperação desenvolvidas nos assentamentos, correspondendo ao Setor de Produção e Comercialização do MST (BONAMIGO, 2002; NEUMAN, FERREIRA e SCARIOTTI, 2002; DICKEL, 2017).

Houve muitos debates para que todos os assentados pudessem analisar a situação e aderir ao que estava sendo proposto. No entanto, em torno de trinta famílias do assentamento não aceitaram o convite e partiram para o trabalho individual em seus lotes. Das 55 famílias que iniciaram, várias foram desistindo durante o período do laboratório, que durou trinta dias e foi objeto de intensas discussões, reflexões e de preparação do modelo de cooperativa preconizado pelo MST (BONAMIGO, 2002; NEUMAN, FERREIRA e SCARIOTTI, 2002; DICKEL, 2017).

A criação da COOPTAR, na qual a terra e os meios de produção são de uso coletivo foi oficialmente fundada em 08 de fevereiro de 1990, por 84 sócios, com 48 famílias, trabalhando em regime de cooperação integral. No período de sua fundação localizava-se no assentamento provisório pertencente ao município de Sarandi. E a partir de 1993, com a emancipação, passou a pertencer ao município de Pontão. Os primeiros três anos foram marcados por uma adesão muito significativa das famílias assentadas à cooperativa, mostrando que havia disposição, de participar, tendo em vista a necessidade de sobrevivência na terra (BONAMIGO, 2002; NEUMAN, FERREIRA e SCARIOTTI, 2002; DICKEL, 2017).

3.2 SEGUNDA FASE: REORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA DE PRODUÇÃO DA COOPTAR

A partir de 1994, houve a saída de várias famílias associadas a COOPTAR, desencadeando assim um repensar sobre a estrutura organizativa e produtiva adotada na Cooperativa. Iniciava-se a partir daí uma segunda fase de organização da produção da Cooperativa, marcada pelo rompimento com o modelo produtivo baseado na monocultura e focado na diversificação da produção. Dois fatores principais interferiram na saída dos associados da cooperativa, segundo a visão daqueles que ficaram na COOPTAR. O primeiro tem a ver com a demora em assentar as famílias excedentes do acampamento da Annoni. E o segundo em relação ao modelo produtivo adotado (BONAMIGO, 2002; NEUMAN, FERREIRA e SCARIOT, 2002).

As modificações introduzidas na COOPTAR transformaram a estrutura produtiva da cooperativa, a qual permanece até os tempos atuais, tendo havido apenas pequenas alterações. A produção e a organização do processo de trabalho estão divididos em seis setores, quais sejam: frigorífico, lavoura, suíno, produção de leite, horta e creche para os filhos dos associados. Os associados da Cooperativa dividem as suas tarefas e horários de acordo com a dinâmica

específica de cada setor. Em relação aos espaços formativos, são realizadas reuniões semanais ou quinzenais, nas quais são discutidas as questões que envolvem a vida da cooperativa e a pauta de discussão do movimento (BONAMIGO, 2002).

Com o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos e demais sindicatos cutistas, a COOPTAR, no período de construção do frigorífico, abriu uma filial da Cooperativa em Passo Fundo, conhecido como Mercado da Reforma Agrária, com a finalidade de comercializar seus produtos à população. Após, três anos de funcionamento, foi fechado em virtude da inviabilidade econômica e falta de mão-de-obra (BONAMIGO, 2002).

No frigorífico, há um coordenador e uma coordenadora geral, responsáveis por todas as atividades. Já os trabalhadores foram divididos em quatro equipes: administração, abate, evisceração, fábrica de embutidos e corte. Cada equipe tem um coordenador responsável. O setor administrativo é responsável pela administração de toda a cooperativa, e não apenas pelo abatedouro e fábrica de embutidos. Esta equipe é responsável pela contabilidade, comercialização, finanças, atas, relações institucionais com bancos e demais cooperativas e/ou entidades (BONAMIGO, 2002).

A COOPTAR compreende uma área de 203 ha, localizada no Assentamento 16 de Março onde vivem e trabalham, desde 1996, 14 famílias. Essas famílias trabalham em regime de cooperação integral, sendo a terra e os meios de produção de propriedade e uso coletivos, com exceção da Agrovila, que fica em um lote de 300 m², onde estão localizadas as casas dos associados. Cada família possui um terreno individual de 10x30m no interior da agrovila, onde se localiza a casa e eventuais galpões para armazenar utensílios e um jardim com flores e árvores de sombra. Além do quintal, fora da área de delimitação da agrovila, existe, para uso individual de cada família, um terreno de 15x15m destinado à produção de alimentos que não são produzidos no coletivo, porém nem todas as famílias utilizam esta área (NEUMAN, FERREIRA e SCARIOT, 2002; BONAMIGO, 2002).

A distribuição das casas, que foram construídas com recursos próprios ou com renda proveniente da própria cooperativa, segue a forma de um quadrado, sendo o pátio interno utilizado como área de lazer com um campo de futebol e para a produção de árvores frutíferas. E a área de delimitação da agrovila é feita com eucaliptos e árvores nativas. Todas as casas contam com rede elétrica instalada, água encanada proveniente de um poço artesiano, assim como banheiro interno ligado à uma rede de esgoto. O atendimento à saúde é pelo SUS. E os filhos em idade escolar frequentam a Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro (NEUMAN, FERREIRA e SCARIOT, 2002; BONAMIGO, 2002).

4. CONCLUSÕES

Desta maneira, o estudo que envolve a criação da COOPTAR e da fundação da Agrovila, demonstra que o desenvolvimento do trabalho cooperativo possibilitou a criação de novos espaços de aprendizagem, de outras práticas de produção e da construção de novas relações interpessoais. Desse modo, novas expectativas e esperanças foram sendo alimentadas, contribuindo assim para o fortalecimento da resistência das famílias na terra conquistada.

Neste contexto, a apropriação de uma nova forma de produzir articulada com a vivência das famílias, foram transformando o modo de ver, de viver e de ser dessas pessoas. Rompendo assim, com uma tradição de vida e de relações

sociais de produção pautadas no individual. Sem dúvidas, foram rompimentos provocados pelo desenvolvimento de práticas coletivas e solidárias, reflexo de uma nova formação humana (BONAMIGO, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAMIGO, Carlos Antônio. **Pra mim foi uma escola...** o princípio educativo do trabalho cooperativo. Passo Fundo: UPF, 2002.

BONAVIGO, Elizabete Ana, BAVARESCO, Pedro Antônio. Fazenda Annoni: da ocupação ao assentamento definitivo. In: TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. **Conflitos agrários no norte gaúcho 1980-2008**. Porto Alegre: EST edições, 2008.

DICKEL, Simone Lopes. O processo histórico de desapropriação da Fazenda Annoni. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 2015. Florianópolis/SC. **Anais XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2015. p. 01-16.

KRZYSCZAK, Fábio Roberto. **O meio ambiente na percepção dos assentados pelo MST/INCRA: um estudo sobre os assentamentos da antiga Fazenda Annoni–Pontão/RS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates. Lajeado, RS. 2010.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. **Segunda turma de Agronomia do Instituto Educar foca na formação agroecológica**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2015/06/24/segunda-turma-de-agronomia-do-instituto-educar-foca-na-formacao-agroecologica.html>. Acesso em 28/03/2017.

NEUMAN, Selvino Pedro. FERREIRA, Paulinho. SCARIOT, Adriano. **Trajetória da apropriação do espaço agrário e estratégias de sustentabilidade na Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata (Cooptar)**. Trabalho apresentado no XL Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. 2002.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. A participação da mulher na luta pela terra: dilemas e conquistas. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez (orgs). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**. A diversidade das formas das lutas no campo. V.2. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. (p.203-221).